IRVÊNIA LUIZA DE SANTIS PRADA formou-se médica veterinária pela Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de São Paulo, onde galgou degrau a degrau a carreira acadêmica : Mestrado em 1967, Doutorado em 1970, Livre Docência em 1977, Professor Adjunto em 1982 e Professor Titular em 1990.

Nesses anos todos dedicou-se ao ensino e à pesquisa em Anatomia Animal, particularmente em Neuroanatomia . Tem mais de uma centena de trabalhos publicados em revistas científicas ou em congressos nacionais e internacionais.

Aposentada em 1995, continua a lecionar na Pós - Graduação da USP, sendo ainda integrante do Grupo de Pesquisas Psicobiofísicas .

Foi Membro do Conselho Superior da Fundação Parque Zoológico de São Paulo, sendo agora Presidente de seu Conselho Orientador.

Diversão Humana e Sofrimento Animal.
RODEIO

Irvênia Luiza de Santis Prada

Seres humanos e animais convivem, certamente, há mais de 3 milhões de anos, período que se estima de existência do gênero Homo no planeta. Assim, nossa historia evolutiva vem se desenrolando, através dos tempos, em capítulos sucessivos nos quais a presença dos animais foi sempre uma constante. Na vivência de episódios de caça, fuga, defesa de seu território e outras situações, o ser humano acabou por perceber a intima relação existente entre o acontecer de muitas de suas emoções e a companhia dos animais. Talvez disso tenha resultado a sistematização de algumas das modalidades de esporte e de diversão, implicando a presença de animais. Hoje, dezenas de atividades culturais envolvem sua participação, infelizmente de maneira nem sempre ética, pois muitos desses eventos acontecem sem que se leve em conta nem a vida nem o sofrimento dos animais. "Diversões" desse tipo, a que seres humanos se entregam, como **farra do boi, briga de galo, vaquejada, tourada** e outras, representam expressões lamentáveis de estágios culturais primitivos que de há muito já foram superados, na civilização, pela conquista de novos valores. Entre essas "diversões", encontra-se também o **rodeio**. Fala-se também no **rodeio completo** que compreende, ainda, entre outras atividades:

-Bulldog – dois cavaleiros, em velocidade, ladeiam o garrote que é derrubado por um deles, segurando- pelos chifres e torcendo seu pescoço.

-Sela americana – a sela é maior que a montaria e o caubói deve fazer movimentos de vaivém com as pernas,, durante oito segundos.

-Laço em dupla / Team roping– dois caubóis saem em disparada, sendo que um deve laçar a cabeça do garrote e, o outro, as pernas traseiras.

-Laçada de bezerro – animal de aproximadamente 40 dias é perseguido, em velocidade, pelo cavaleiro, sendo laçado e assim derrubado ao chão.

-Bareback – o caubói sustenta-se, sobre o cavalo sem sela, em uma alça apensa à barrigueira, enquanto o animal pula.

-Três tambores – prova exclusivamente feminina, devendo a amazona contornar três tambores, no menor tempo.

O termo **rodeio** vem do espanhol **rodear**, que significa "juntar o gado". Nos Estados Unidos, sua prática remonta ao final do século XIX, em atividades resultantes da rotina dos boiadeiros, que passaram a exibir suas proezas para conquistar "status" e ganhar apostas. No Brasil, esse evento vem sendo divulgado intensamente, nos últimos anos despontando, inclusive, no meio universitário. Cavalos e touros são montados por peões, que devem permanecer sobre a montaria, por oito segundos, apesar dos pulos, coices e torções de corpo efetuados pelos animais. Segundo a Revista Animal,s Agenda- out./90, mais pontos são contados dependendo do uso das esporas e da maneira como o animal reage: "Quanto mais selvagem a apresentação, maior o numero de pontos e, consequentemente, de dólares ganhos".

Vários recursos são utilizados, para que os animais demonstrem a reação esperada:

-sedem (forma apocopada de sedenho) –corda de crina, amarrada e retesada ao redor do corpo do animal, na região da virilha.

-peiteira e sino – a peiteira consiste em outra corda ou faixa de couro, também amarrada e retesada ao redor do corpo da montaria, logo atrás da axila: nela pendura-se um sino que vai batendo fortemente.

-esporas – às vezes pontiagudas, são aplicadas , pelo peão, tanto na região do baixo-ventre do animal como em seu pescoço.

-choques elétricos e mecânicos – aplicados nos animais, ainda quando no brete, antes da entrada na arena, para que fiquem mais excitados.

Quanto à **questão bioética** desses procedimentos podemos considerar:

-a aplicação de **choques**, embora por vezes seja utizada em manejos de procedimento terapêutico, em absoluto não se justifica em ocasiões quando o único objetivo é promover diversão a seres humanos.

-o **sedem** é aplicado na região da virilha, bastante sensível já por ser de pele fina mas, principalmente, por ser área de localização de órgãos genitais. No caso dos bovinos, o sedem passa sobre o pênis e, nos cavalos, pelo menos compromete a porção mais anterior do prepúcio. Ora, mesmo sem se levantar, neste momento, a questão desse estimulo gerar dor fisica para o animal, temos que admitir a evidencia de que ele reage, como pode (com pulos, coices, etc.) para livrar-se de algo que o está ameaçando; sabemos que, particularmente nos animais, funções ligadas à auto-preservação e à perpetuação da espécie são acompanhadas de motivação instintiva muito forte, de tal maneira que qualquer ameaça a elas é sentida prontamente. Em outras palavras, é perfeitamente lógico admitir-se que, nessas circunstancias, o animal se encontra na vivência de sofrimento mental, pois tem substrato

morfológico, em seu cérebro, tanto para o processamento dos estímulos recebidos quanto para a avaliação do que está acontecendo. Quanto à possibilidade de produção de dor fisica, pelo uso do sedem, a identidade de organização das vias neurais da dor no ser humano e nos animais, é bastante sugestiva de que eles sintam, sim, dor fisica. O contrário é que não se pode dizer, isto é, nada existe, em ciência, que prove que os animais não sentem dor, com tal procedimento. Dor é uma sensação subjetiva e, como tal, de dificil avaliação por outro indivíduo. A hipótese de que os animais sintam apenas cócegas, também não encontra , metodologicamente, nenhuma base científica, uma vez que esse tipo de sensação também é totalmente subjetiva. Sejam apenas cócegas, ou dor, ou reação de defesa contra um estado de ameaça à sua integridade fisica, o que é patente e indiscutível é que o animal se comporta tentando se libertar do que o está incomodando, do que o está ameaçando, pois se aquieta imediatamente após a soltura do sedem.

-a **peiteira**, passa, em ambos os lados do corpo, exatamente no trajeto, bastante superficial, de um nervo calibroso, que é o torácico lateral; ele enerva a porção mais anterior da parede latero-ventral do tronco, inclusive a região de prepúcio. Por sua vez, o **sino**, pendurado na peiteira, constitui-se em mais um fator de estresse, pelo barulho que produz, à medida que o animal pula..

-as **esporas**, sem duvida, constituem objeto causador até de ferimentos, pois não raro provocam lesões nos animais, sob a forma de cortes na região cutânea e, ocasionalmente, perfuração do globo ocular.

Outro aspecto que nos chama atenção é o que se observa nas fotos dos animais, em plena atividade, nesses eventos. Nessas fotos, os olhos dos animais mostram uma grande área arredondada, luminosa, conseqüente `a dilatação de sua pupila. Na presença de luz, a pupila tende a diminuir de diâmetro (miose). Ao contrário, a dilatação da pupila (midríase) acontece na diminuição ou ausência de luz, na vigência de processo doloroso intenso e na vivência de fortes emoções (medo, pânico ...) e que acompanham situações de perigo iminente, caracterizando o chamado " Sindrome de Emergência de Canon" ("to fight or to flight " - lutar ou fugir)

Quando o ser humano ou o animal se sente ameaçado, agredido, assustado, automaticamente seu organismo é preparado para essa situação. Acontece então taquicardia (aumento da freqüência cardíaca), aumento da pressão arterial, dilatação dos brônquios, aumento de aporte sangüíneo para os músculos, diminuição de sangue no território cutâneo (no ser humano é fácil perceber isso, pois fica pálido), transformação rápida de glicogênio em

glicose ("combustível" energético da ação muscular) e dilatação das pupilas (midríase). No ambiente da arena de rodeio, o esperado seria que os animais estivessem em miose, pela presença de luz. Assim, a midríase que exibem é altamente indicativa de que estejam na vigência do citado Síndrome de Emergência, o que caracteriza sofrimento mental.

Os estímulos (provavelmente de desconforto e/ou dor) provocados pelos choques elétricos ou mecânicos, sedem, peiteira, esporas e pela presença do caubói em seu dorso, chegam `a medula espinhal pelos nervos espinhais; a visão do que está acontecendo, o som do sino, das caixas de som (em altíssimo volume, alem da vibração que produzem) e do barulho do ambiente, assim como odores dos outros animais e das pessoas, também representam estímulos que chegam ao cérebro dos animais por meio dos nervos cranianos correspondentes (I – olfatório; II – óptico; VIII – vestíbulo coclear (vibração e auditivo). Todos esses estímulos chegam à uma região do encéfalo (cérebro, cerebelo e tronco encefálico) denominada de Formação Reticular e, através do SARA (Sistema Ativador Reticular Ascendente), ao Córtex Cerebral. Os animais tem condições, em seu cérebro , para o processamento desses estímulos e conseqüente avaliação do que está acontecendo.

Face ao exposto, e obedecendo o rigor do método cientifico, podemos concluir que :

- é impossível provar que os animais não sentem dor fisica ou que não tenham sofrimento mental, quando submetidos aos procedimentos do chamado rodeio completo;
- a identidade de organização morfo-funcional existente entre o sistema nervoso do homem e o dos animais é altamente sugestiva de que os animais vivenciem sofrimento fisico e mental, quando submetidos aos procedimentos do chamado rodeio completo.

Formas alternativas de realização de festas com animais poderiam contar com a sua participação em atividades que preservassem sua condição de bem-estar, o que seria, por certo, mais condizente com a dignidade que pretendemos merecer, como seres humanos.

Irênia Luiza de Santis Viad